

## TEXTOS

( Sugestões para Seminários )

## A COMPANHIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS

( Um cidadão de Haia )

O seu poder já está muito diminuído, o que, se fosse só isso, ainda permitiria esperar que ela se refizesse, pois só a sua fraqueza atual não basta para que se perca todo o ânimo, e se queira dissolvê-la. A Companhia das Índias Ocidentais conheceu também dias ruins, e está ainda firme; o comércio é assim mesmo: nem sempre vacas gordas; mas, depois duma crise, as coisas geralmente melhoram. O comércio e a navegação marítimos estão sujeitos a vicissitudes, conhecem tempos bons e maus. No caso da nossa Companhia, porém, seu terreno de ação foi vasto demais, e excessivamente disseminado, como já disse. Vê-se que só o Brasil dá para arruinar a Companhia. E, como se poderia obter alguma coisa de bom deste País, se não preparando as colônias para a imigração? Se espanhóis e portugueses não se resolvessem a povoar a Nova Espanha, o Peru e o Brasil, como alcançariam tão grandes progressos? Colonizar terras tão extensas nenhuma Companhia poderá fazê-lo, pois uma empresa mercantil só trata de proveitos particulares e imediatos, como fazem todos os mercadores; só cuida de tirar lucros, o mais rapidamente possível, do comércio. Por isso afirmo que, para um país que deve ser povoado, o melhor é que seja governado como Estado pelas Altas Potências, que, como Poder Público, não pense imediatamente em proveitos e impostos, mas adie essas coisas quanto possível, e trate, concedendo favores, de atrair o maior número de moradores, para que ele se colonize rapidamente. Só assim os impostos, suavemente introduzidos, renderão, com o tempo, cada vez mais, pelo acréscimo da população, e o comércio tomará, também, maior incremento. Enriquecer-se-ão essas terras que, agora, pelo contrário, se estão empobrecendo.

**(Conferência sobre as Índias Ocidentais, em que se trata dos negócios dessas regiões, de como podem ser resolvidos com vantagens gerais e da forma mais conveniente aos interesses da Companhia.** Exposta resumidamente sob a forma de diálogo entre um cidadão de Middelburgo e outro de Haia. Imprensa anônima em língua flamenga, sem indicação de lugar e de tipografia, no ano de 1653. Trad. de Hyppolito Overmeer; intr. e notas de Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro, Editora Record, sem data, mas provavelmente de 1937; a introdução vem datada de 1934. O excerto aqui transcrito ocorre às pp. 31/32.)

## FOME EM PORTUGAL

( Frei Luís de Sousa )

Padecia nesse tempo o reino de Portugal calamitoso aperto de fome; porque, quanto mais corria o ano de 22 em que vamos, tanto maior era o trabalho. Crescia a falta, gastando e comendo o povo esse pouco pão que havia. Castela não podia ajudar, porque a esterilidade do ano 21 fora igual nela. De França não vinha nada, respeito das guerras que trazia com o imperador. Os pobres do reino acudiam todos a Lisboa, arrastando consigo suas tristes famílias, persuadidos da força da necessidade que poderiam achar remédio onde estavam o rei e os grandes. Mas aconteciam casos lastimosos. Muitos caíam e ficavam mortos sem sepultura pelos caminhos, de fracos e desalentados. Os que chegavam a Lisboa pareciam desenterados: pálidos nos semblantes, débeis e sem forças nos membros. Dinheiro não aceitavam de esmola, porque não achavam que comprar com ele. Só pão queriam, e este não havia quem o desse. Porque algum que às escondidas se vendia era a 450 réis o alqueire; o centeio a 200 réis, o milho a 150 réis, que para aquele tempo era como um prodígio. Viu-se que era açoute do céu, em que, correndo muitos navios às linhas dos Açores, onde as novidades haviam sido mui floridas, uns se perderam, tornando à vista da barra de Lisboa, outros forçados da tormenta alijaram ao mar o trigo por salvarem as vidas.

Foi a origem deste mal não acudir o céu com água em todo o ano de 21. Estavam os campos tão secos que, como em outro tempo se despovoou Espanha por lhe faltarem as chuvas ordinárias, parecia que tomava semelhante desventura. As terras delgadas desfaziam-se em cinza, as grossas se apertavam e abriam em fendas até o centro. Assim em geral, nem no Alentejo, nem no Algarve, nem na Extremadura chegaram as searas a formar espiga. Em erva secaram e se perderam todas. Em Lisboa padecia-se tanto no outubro de 21, que aconteceu passarem muitos homens oito dias sem tocar pão, comendo só carnes e frutas. E por janeiro e fevereiro do ano de 22, em que vamos, se averiguou morrerem muitos pobres à pura fome pelas ruas e alpendres de Lisboa.

Abalavam estas misérias as entranhas d'El-Rei. Mandou fazer com tempo grandes diligências para que descesse de Entre-Douro e Minho e da Beira tudo que se achasse de centeio e milho. E não contente com isto, que todavia foi de muita importância, despachou navios, à custa de sua fazenda, com letras e dinheiro, que fossem carregar de trigo à França e Flandres.

(Anais de D. João III, parte I, livro I, cap. XI.  
Apud "Antologia Nacional", de Fausto Barreto e Carlos de Laet, pp. 262/263, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, s.d.)

\*

\* \*